

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, AGOSTO/2007 - ANO XI - Nº 127

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

No último dia 29 de julho, ao término dos Jogos Panamericanos do Rio de Janeiro, um grande evento promovido pelo Ministério do Turismo, em Copacabana, mostrou a diversidade cultural de todas as regiões brasileiras. Essa vitrine expôs o que o país tem de mais autêntico: sua cultura popular. Uma das atrações da Região Sudeste apresentada nessa mostra foi o “Jongo de Piquete”. O público presente encantou-se com o ritmo, a dança e os pontos cantados, interagindo com os jongueiros piquetenses numa grande confraternização.

Conhecer e valorizar nossa cultura é um importante passo para a conquista da cidadania. Uma comunidade só se desenvolve se houver respeito ao seu patrimônio cultural. Para se entender a história de um povo, país ou região, é importante que se conheçam sua cultura e tradições, ou seja: seu folclore. Em um país como o nosso, tão diverso, tão grande, com tantas expressões, com tantos jeitos de ser, de brincar, de conviver e de rezar, que vão se modificando de lugar para lugar e a toda hora, não podemos falar de uma única cultura, mas, sim, de suas muitas culturas.

O Brasil, pela sua extensão continental, é um dos países mais ricos e diversificados em manifestações folclóricas. Transmitido espontaneamente de geração a geração, nosso folclore é resultado da miscigenação dos três povos formadores de nossa nacionalidade: o ameríndio, o europeu e o africano. As delegações presentes ao PAN 2007 se surpreenderam com o que viram.

Em Piquete, além do jongo, o tropeirismo, a Folia de Reis, o Boi de Carnaval e as festas religiosas atraem a atenção de visitantes; precisam, porém, ser mais bem trabalhadas e divulgadas. A oportunidade dada pelo Ministério do Turismo ao Jongo de Piquete aponta para o binômio turismo e folclore, o qual mostra que o desenvolvimento do turismo sustentável, tão desejado por Piquete, preservando natureza, cultura e tradições, a todos beneficia, tanto o turista quanto a comunidade.



Arborizada, a Vila “Estrella do Norte”, em Piquete, é cartão de visita da cidade e exemplo de preservação que deveria ser estendido para todo o município.

Aquecimento global e arborização urbana

Nos últimos anos, o aquecimento global tornou-se notícia em todos os meios de comunicação. Seus efeitos ganharam destaque e desviaram a atenção dos povos para um problema que vêm ocorrendo há tempos. Em meio a desmatamentos, queimadas, enchentes e degelo das massas polares o planeta parece gritar por ajuda.

O aquecimento global passou a chamar a atenção não só da comunidade científica e de especialistas preocupados com os problemas ambientais do planeta, mas de toda a sociedade.

Os agravos decorrentes desse fenômeno, que pareciam estar distantes, já podem ser observados também em nosso município. Nos últimos anos, os verões tornaram-se cada vez mais quentes e as chuvas mais intensas, causando danos ambientais e prejuízos. Qualquer morador de Piquete acima dos quarenta anos pode testemunhar que o volume de água dos rios do município vem diminuindo. Esse é um grave problema a ser equacionado.

O alerta do aquecimento global arrebatou as atenções para uma questão à qual não se dava muita importância: a arborização urbana. Piquete carece de praças e áreas urbanas arborizadas e as poucas existentes deveriam merecer maior atenção. As árvores estão mal cuidadas e sufocadas por ervas-de-passarinho.

Além do aspecto paisagístico, as árvores são um colírio para nossos olhos. Também colaboram com a diminuição das poluições

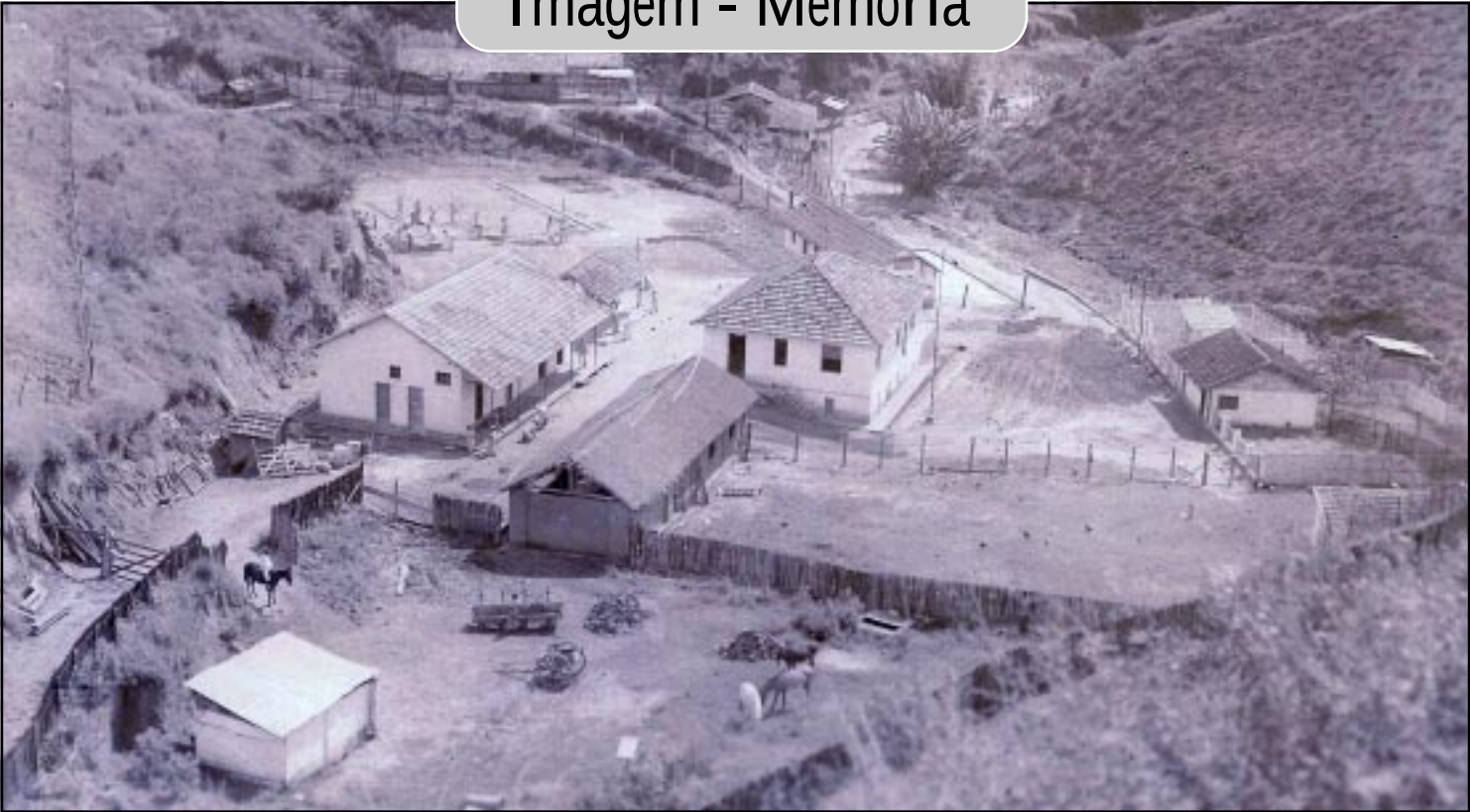
visual e sonora, oferecem proteção contra ventos e chuvas diminuindo a velocidade de ambos, absorvem parte dos raios solares oferecendo sombra, além de purificar o ar ao reter CO₂. Além disso, atraem pássaros e animais silvestres, servindo de abrigo e permitindo o equilíbrio do ecossistema.

Para minimizar os efeitos do aquecimento global sobre a cidade é preciso um projeto de recuperação de áreas degradadas com plantio de árvores.

A FPV mantém preservada uma extensa área de mata atlântica, além das encostas e margens do rio Sertão próximas à Vila da Estrela e ao Portão da Limeira. Isso confere àquela região temperatura mais agradável do que a de outras áreas do município. Essa região é cartão de visita da cidade e exemplo de preservação que deveria ser estendido para todo o município.

Dentro das políticas ambientais do governo de São Paulo, o projeto “Município Verde” estará premiando toda administração que se empenhar na execução de ações voltadas para a preservação do meio ambiente. Piquete deveria se comprometer com esse projeto. Parece difícil, mas não é. Se houver cumprimento da legislação ambiental vigente e um continuado trabalho de educação, parte desse problema será sanado. Arborizando nossa cidade, esta-remos não apenas melhorando a paisagem, ofertando bem-estar e qualidade de vida aos moradores, como também minimizando os efeitos do aquecimento global na região.

Imagem - Memória



Localizada próximo ao Portão da Limeira, a Escola Agrícola funcionou por mais de quatorze anos. Seu idealizador, o professor Zito, ousou aplicar os conceitos da Escola Nova na realidade social de Piquete, concorrendo para a inclusão social e a transformação de muitos jovens. Foto de 1948.

A Escola Agrícola de Piquete

No início da década de 40, um projeto educacional sem precedentes na região foi elaborado e desenvolvido pela Fábrica Presidente Vargas, em Piquete. Escola industrial, ginásio, jardim da infância e escola normal foram criados, beneficiando milhares de crianças e jovens da cidade. Entretanto, significativa parcela da população permaneceu desassistida. Essa parcela era constituída, em sua maioria, por filhos de famílias economicamente menos favorecidas, alguns desajustados, analfabetos e migrantes, os quais se envolviam em pequenos delitos como furtos, brigas de rua, danos aos patrimônios público e particular.

Para equacionar esse problema, o Capitão José Pompeu Monte, chefe do Departamento de Assistência Educacional da FPV, convidou o professor José Geraldo Evangelista (Prof. Zito). Passando pela horta da Fábrica, próxima à Usina Hidrelétrica, o professor observou alunos em atividades extra-classe lidando com a terra, sob os cuidados dos senhores “Manuel Português”, Júlio Sardinha e Valentim Ribeiro. Nesse momento, surgiu-lhe a idéia de criar um Aprendizado Agrícola. O plano foi amadurecendo, seguindo os moldes do Aprendizado Industrial, que se baseava na organização do SENAI, recém-criado. Os alunos teriam aulas de cultura geral, que seria o curso primário, e cultura técnica, nos diversos campos de agropecuária, e receberiam ajuda financeira. O plano geral foi aprovado pela direção da Fábrica. No início, a escola funcionou numa casa à margem esquerda do rio Sertão, próximo à horta da Fábrica. Logo, porém, foi construído o primeiro prédio da futura escola junto ao Portão da Limeira.

As aulas do curso primário foram entregues às professoras Wanda de Lorenzo R. Silva e Hermínia Rossi, contratadas em regime de tempo integral, às quais se pediu certo rigor e muito carinho. Para as aulas de cultura técnica contrataram-se técnicos agrícolas de Jacareí/SP e de Itajubá/MG: Arthur Alves, Sebastião Chagas, Fausto Gomes e Orlando de Almeida. Foi elaborada uma metódica escala de trabalho nas diferentes áreas. As disciplinas técnicas foram as seguintes: olericultura, fruticultura, silvicultura, agricultura especial, avicultura, suinocultura, sericicultura, apicultura, ovinocultura, bovinocultura e construções rurais. Ao fim de cada estágio, de duração variável, o aluno receberia, publicamente, um certificado com o número de horas trabalhadas. Praticava-se, também, Educação Física e esportes. Havia, ainda, uma pequena biblioteca, sala de leitura e cuidava-se da formação cívica. Importante salientar que quase todas as instalações foram construídas pelos próprios alunos, desde o pequeno prédio da administração até a pocilga e o galpão fechado para a criação do bicho-da-seda. Tudo graças a metódica série de trabalhos.

Em setembro de 1944, o diretor viu-se diante de novo desafio: um aluno apareceu com uma trouxinha de roupa, pedindo para dormir na escola, porque sua mãe se juntara com um homem que o expulsara de casa. A escola aceitou o desafio: improvisou um dormitório no salão do bicho-da-seda, que estava desativado, pediu a colaboração de um técnico agrícola que morava na escola, arranhou cama, colchão, roupa de cama e armários no Contingente militar. A partir de então, o Internato integrou-se à vida escolar, passando a ter, em pouco tempo, 30 crianças.

Os professores participavam de corpo e alma desse trabalho voluntário, durante todas as horas do dia. E o diretor do Aprendizado Agrícola lá ficava até o horário de recolhimento dos meninos, movido pela responsabilidade.

Em 1946, por força do Decreto Lei nº 9.613, de 20 de agosto, o Aprendizado Agrícola transformou-se na Escola Agrícola de Piquete. O professor Zito esteve à frente da direção da escola até o final de 1948. Foi substituído pelos professores Laércio José de Azevedo, Leopoldo Marcondes de Moura Netto e José de Souza Leite. A Escola Agrícola funcionou até meados de 1956. Essa experiência educacional bem sucedida deveu-se ao tirocínio do professor e pedagogo José Geraldo Evangelista, que ousou aplicar os conceitos da Escola Nova na realidade social de Piquete, concorrendo para a inclusão social e a transformação de muitos jovens.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Bonifácio

Mineiro de Itajubá, José Pinto Bonifácio nasceu em 22 de janeiro de 1922, filho de Alípio Pinto Bonifácio e Luiza Consoli Bonifácio. Quando jovem, trabalhou na fábrica de tecidos “Codorna”, da família do presidente Wenceslau Brás. A convite de seu irmão Olindo, que trabalhava na FPV, veio a Piquete prestar exame para trabalhar no refeitório da Fábrica. Selecionado, mudou-se para nossa cidade. Seu Bonifácio relata que os primeiros tempos não foram fáceis. Porém, logo fez muitas amizades.

O trabalho no refeitório da Fábrica era exaustivo, pois exigia dedicação total, durante todo o dia. Bonifácio, no entanto, não via dificuldades: “eu era jovem e encarava tudo com muita vontade de crescer.” Iniciou os trabalhos na área administrativa do refeitório. Tornou-se auxiliar de cozinha e, em pouco tempo, chefe do refeitório, substituindo João Antônio da Cunha, conhecido como “alemão”. “Havia uma organização impecável, mantida sob orientação do superintendente, Godofredo Bittencourt, homem enérgico e exigente”.

Bonifácio ressalta que a eficiência dos trabalhos devia-se a grande equipe de apoio: os dispenseiros eram Francisco Piva e Guilherme Colombo; na cozinha, trabalhavam Eurídes Antônio da Silva, José Lopes e vários outros... Conta que, “com fogões a lenha”, preparava milhares de refeições por dia. Várias vezes, a equipe de cozinha auxiliava no Cassino dos Oficiais. A Fábrica recebia, com frequência, figuras ilustres do país: recorda-se das visitas de Dutra e de diversos ministros de Estado, além de altas patentes do Exército. “Eram recepções memoráveis, em que nos esmerávamos no serviço de copa e cozinha”. No aniversário da Fábrica, era servido um almoço especial para os operários e seus familiares... “Era uma festa lá no refeitório; uma grande confraternização”.



Bonifácio trabalhou nesse departamento da FPV por 38 anos, lá se aposentando. Pela sua dedicação e profissionalismo, recebeu a medalha de Honra ao Mérito, justa homenagem da qual se orgulha. Após a aposentadoria, trabalhou, a convite do amigo Aurélio de Campos, no Hotel Brasil, na Praça da Bandeira.

As atividades que exerceu, tanto na FPV como no Hotel, tornaram-no figura popular na cidade de Piquete. Mesmo após ter deixado o trabalho no Hotel, não deixava de comparecer à Praça da Bandeira, onde encontrava os amigos para discutir política, futebol e amenidades. Até há pouco tempo, a caminhada, apesar de já acontecer a passos lentos, não falhava.

Antigo morador da Rua Madre Maria Mazzarello, foi o guardião voluntário da sede do Rotary Club de Piquete desde sua construção. Desde então, não houve evento dessa instituição que não tivesse contado com a colaboração de seu Bonifácio.

Hoje, limitado pela idade, já não faz mais seus passeios até a Praça da Bandeira. Em casa, ao lado da esposa, a também itajubense Luzia Tredcci Bonifácio, com quem está casado desde 6 de junho de 1944, vive das lembranças que o emocionam. Além das lembranças, diz, ampara-se na felicidade de ter propiciado excelente formação aos três filhos e no orgulho de uma consciência tranqüila, resultado de uma vida honesta e honrada.

Bonifácio (3º da esq/dir) durante cerimônia em que recebeu Medalha de Honra ao Mérito por bons serviços prestados à FPV.



Fotos arquivo Pro-Memória

De sol a sol

Abigayl Lea da Silva

Bons tempos aqueles! Tempos de amanhecer e anoitecer. Tempos de velas, tochas, óleo de baleia e querosene de iluminação. Tempos do lampião de gás.

Bons tempos aqueles em que o período de trabalho ia do sol nascente ao sol poente!

Com o advento da eletricidade, o dia de trabalho esticou-se. Quanto mais se fala em direitos trabalhistas, quanto mais se diz que a máquina vai substituir o homem, quanto mais se apregoa o “otium cum dignitate”, mais o ser humano trabalha.

No Brasil, um dos principais motivos do esticado período de trabalho é a orgia salarial. O trabalhador vive procurando uma ocupação extra para não baralhar as contas no final do mês.

O poder público, desde o nascimento do famoso DASP – lá se vão sete (7) décadas, teima em não fazer justiça salarial.

Com a chegada dos sindicalistas ao poder, parece que o povo brasileiro finalmente vai descobrir em que bolsos vai parar a absurda carga tributária que inviabiliza os orçamentos das famílias brasileiras.

Os sindicalistas, que o nosso voto conduziu ao poder, nos devem um esclarecimento, a resposta a uma pergunta feita no Senado Federal: se a contribuição sobre o cheque (CPMF) é vital para as ações sociais do governo, para onde vai o que se arrecada com a pesada carga tributária?

O cidadão brasileiro convive com conceitos obscuros e obtusos. Por exemplo, o conceito de baixa renda.

Para a dispensa de pagamento de taxa de ocupação de terras da União, a Secretaria do Patrimônio estabelece o limite de baixa renda em cinco (5) salários mínimos. Estamos acostumados a ver a baixa renda emparelhada a três (3) e até mesmo a sete (7) salários mínimos.

As Centrais Sindicais nos devem esta explicação: quais os empregos, cargos ou profissões que pertencem à faixa de baixa renda? Têm os Entes Federados o direito de manter nessa faixa funcionários dos quais exige diploma de nível superior?

Vamos arregaçar as mangas e decifrar o enigma. Para que o povo brasileiro não tenha mais saudade do tempo em que só trabalhava de sol a sol.

Um Pouco de História

Nos caminhos da Piedade

Conhecer um pouco da história da instalação de capelas e igrejas é importante para entendermos o significado que elas tiveram na origem de nossas cidades. Foram elas que deram autonomia aos núcleos urbanos sob a invocação de seus padroeiros.

Nossa Senhora da Piedade é a padroeira da Diocese de Lorena, diocese que completou 70 anos neste ano de 2007, na qual Piquete se inclui. Temos em nossa paróquia uma bela imagem da Senhora da Piedade policromada, isto é, pintada de várias tonalidades, sobressaindo-se os tons usados nas representações comuns nos séculos XVIII e XIX. Confeccionada em gesso, é uma réplica bem elaborada das antigas imagens de madeira. Pois bem. Este é um motivo para tecermos comentários sobre a padroeira de Lorena, e como tal, de toda a Diocese, cuja imagem na Catedral foi recentemente restaurada e se apresenta como representação de fino labor e trabalho artístico.

É também uma importante referência para considerarmos a posição da Catedral voltada para o rio Paraíba e a Mantiqueira, por estar à margem dos velhos caminhos do ouro que, combinados à Estrada Real, representava forte significado para os buscadores do metal e de pedras preciosas, por exemplo, os diamantes. Por isso se empenhavam os tropeiros e viajantes de longos e penosos percursos. Assim, a imagem da Virgem é tomada em várias localidades como protetora e orientadora, e sob a qual as invocações se manifestam: Nossa Senhora da Piedade, em Lorena; Nossa Senhora da Conceição, no Embaú; Nossa Senhora da Guia, no Quilombo; da Soledade, em Delfim Moreira; Soledade também em Itajubá, e outras manifestações ligadas à Mariologia. A descoberta e a busca do ouro fizeram povoar vários núcleos de capelas. E estas foram surgindo no Caminho

do Ouro para atender às práticas religiosas e aos serviços, não só das missas, mas da administração dos sacramentos e enterros. Elas passaram, por tudo isso, a concentrar população e desempenhar importante papel social e político, pois determinavam a



organização urbana e davam direito quando curadas, isto é, com a presença permanente do padre, à emancipação das vilas. A partir do século XVIII instalou-se a Estrada Real, o Caminho Novo da Piedade, para ligar a região paulista do Vale do Paraíba ao Rio de Janeiro e ao território fluminense, além de se interligar com o setor mineiro.

No primeiro Livro de Tombo de Nossa Senhora do Hepacaré (nome antigo de Lorena), datado de 1747, consta na **Folha**

Um que a Matriz de Nossa Senhora da Piedade de Hepacaré pertence à comarca de “**Goratinguetá, Bispado de Sam Paulo**”. Nesse documento registram-se os bens, legados pios, ornamentos, alfaia, altares, peças de prata e ouro, bens de Raiz (propriedades), e descrevem-se as Irmandades e seus participantes: fundação, fins, organização e modos de funcionamento.

Assim, o Vigário Manoel Miz (Muniz), no ano de “mil sete centos e coreenta sete”, por ordem do “Exmo e Reverendíssimo Bp (Bispo), D. Bernardo Roiz (Rodrigues) Nogueira, primeiro Bispo de Sam Paulo”, lança as ordens e cópia das disposições “sob títulos, patrimônio, fregueses (freqüentadores), e receita das contas”.

Consta também que foi no ano de 1718 que, por provisão do Exmo e Revmo Bispo Dom Francisco de São Gerônimo, do Rio de Janeiro, a cujo Bispado pertencia a freguesia de Hepacaré, que a Matriz da Piedade se desmembrou da Capela da Matriz de Santo Antônio, da Vila de Guaratinguetá. Foi então construída a nova igreja e demolida a anterior, que ficava junto à cruz, hoje localizada no adro da Igreja, voltada para o poente, ou seja, para a serra da Mantiqueira.

Por sua vez, na declaração de valores de 1747 contidos nas imagens, segundo consta no Livro do Tombo, particularmente a imagem de Nossa Senhora da Piedade possui “uma coroa e um coração de ouro que pesam doze oitavas (medida da época) e um resplendor de prata pesando nove oitavas”. Essas peças estão até hoje na citada imagem, restauradas em fina arte.

O coração de ouro pode ser visto na imagem colocada no Altar Mor, à direita de quem olha. Peça rica e delicada, não é visível senão de bem perto, ou de olhar bem dirigido.

Dóli de Castro Ferreira

Em julho, no inverno, em Piquete

Nair Porfírio Teixeira e Laura (Laurinha) Silva

Duas mulheres sábias nos deixam lições extraordinárias de vida. Portadoras de um passado rico de memórias do trabalho manual, com arte, da catequese e cuidados com crianças e tantas atividades sociais, são construtoras de um futuro embelezado pela doçura dos gestos, o encanto das vidas exemplares e o sabor dos ensinamentos recebidos com carinho. Significantes de um tempo que fluía devagar para ser sentido, emitido e porejado pela força imanente dos espíritos ricos em suaves emissões.

Levam consigo uma história de vida imorredoura, se avaliada com os critérios da

sensibilidade. Deixam – nos uma saudade misericordiosa, porque cheia de bênçãos. As bênçãos das madrinhas, que assim são mesmo sem os atos solenizados da pia batismal, mas cumprem esses papéis. Para serem vivenciados com louvor.

Algumas gotas perfumadas estão no ar, expelidas de seus últimos movimentos de respiração. Vivas, manifestam-se para interpor momentos de paz nas noites calmas e nas madrugadas brancas, quando só então conseguem ser percebidas. E duram a eternidade dos momentos, nos quais o tempo se contrai tanto, que deixa de existir e

remanesce sempre. Tornam-se etéreas e eternas, como as ondas desse tempo contraído são. Tempo retido nas redes dos fios da memória. Para serem mobilizadas, dinamizando-se na fugacidade do agora, em que nada dura. Quando tudo se estilhaça sob pressão, e até os bons cristais, pelos impactos das pressas.

No tempo da eternidade, são vínculos de feixes vincados pelo amor entre os seres, amor que elas, como protagonistas privilegiadas, elegem compassivamente e o transferem para nós.

Dóli de Castro Ferreira

“Aquilo que você mais sabe ensinar é o que você mais precisa aprender...”

(Richard Bach - Ilusões)

Papagaios

Chico Máximo

Nos céus de julho e agosto, muitas vezes de um azul impecável, admiramos papagaios de papel, coloridos, as caudas crespas e inquietas. São muitos, agitando-se à mercê do vento.

Papagaios parecem sonhos atirados ao léu e têm o poder mágico de despertar emoções enraizadas na infância.

Interessante que cada período do ano surge com o sinete de um folguedo, e as brincadeiras de rua sucedem-se como as estações. Agora é a vez dos papagaios, frágeis visitantes do espaço: alguns, triunfantes, firmes e verticais, em coreografia ondulante; outros, tímidos e medrosos de alturas, em cabriolas e violentas aterrissagens. Pipas simples, sem enfeites, ou sofisticadas na plumagem das rabiolas. O céu torna-se, então, uma paisagem cubista, onde formas geométricas executam danças policrômicas. Em alguns lugares cria-se um espetáculo surrealista, o céu povoado de flores, barcos, máscaras, monstros e seres alados que excitam a imaginação.

Pouca gente sabe que o papagaio é originário do Oriente, onde é popularíssimo e adotado por todas as classes sociais. Viajantes registram o seu uso no Japão e na China, distração de crianças e idosos. Levado para a península ibérica, invadiu

toda a Europa e, trazido possivelmente pelos portugueses e espanhóis, vulgarizou-se em toda a América latina.

No Brasil é conhecido de norte a sul, com diferentes designações, conforme os enfeites e os detalhes de estilo. Pandorga, cafifa, arraia, maranhão, águia, quadrado, morcego, enxidão, borboleta, capuxeta ou dobradinho, o importante é que no céu trava-se uma batalha de linhas e cores. Abatido um papagaio, vítima do cerol ou de giletes camufladas, ei-lo sem direção, desgobernado, joguete do vento, rei destronado, Ícaro sem asas...

É então um corre-corre pelas ruas e morros, na busca do adversário vencido preso numa árvore, enroscado num fio ou em repouso sobre algum telhado, para desassossego das famílias. Há sempre uma parede de quarto ostentando, como troféu, um papagaio conquistado.

Contemplar o céu riscado de pipas é diversão gratuita, que apenas exige paciência, uma parada no tempo e olhos para captar a beleza.

Que bom se se promovesse anualmente um concurso de pipas, com a participação da nossa criançada, um júri qualificado e a cobertura das autoridades. Quantos meninos não despontariam do casulo do

anonimato num gesto dinâmico de criatividade!

O importante é que a festa dos papagaios é uma festa democrática, de livres expansões, símbolo de sonho e liberdade. A garotada expõe na vitrine do espaço as cores inquietas, cujo prêmio é a alegria de ter dado vida a papel e varetas, e a de segurar um cordel, como se na ponta estivesse presa uma estrela ou o próprio coração. A propósito, lembrei-me de um poema de Miguel Torga, escritor português, no qual relata um sonho que tivera:

*“O menino tinha lançado uma estrela
Com ar de quem semeia uma ilusão.
E a estrela ia subindo, azul e amarela,
Presa pelo cordel à sua mão.
Mas tão alto subiu
Que deixou de ser estrela de papel.
E o menino, ao vê-la assim, sorriu.
E cortou-lhe o cordel.”*

O lirismo desses versos transporta-me ao infinito, mas traz-me também de volta ao chão, pois faz-me pensar num garoto que por mim passou, pobre e descalço, com um papagaio de jornal. Uma pipa mal feita, sem poesia, a cauda de tiras de pano – jamais será estrela, jamais conhecerá a vertigem das alturas. Porém, todos têm o direito de sonhar; afinal, é tempo de papagaios.

É hora de brincar

Laura Chaves

Uni, duni, tê, Salamê, mingüê, Um sorvete colorê, O escolhido foi... você!

Você, caro leitor, foi escolhido para fazer um passeio pelo mundo da imaginação e da alegria. Vamos reviver o imenso prazer que sentíamos quando brincávamos... Vamos lá? Morto, vivo! Pêra, uva ou maçã? O chefe mandou...

Pode-se pensar que nós, humanos, nascemos com competência inata para brincar? Sim, claro que sim. Nós somos homo sapiens, homo faber e também homo ludens.

Reverendo a história da humanidade, podemos constatar que o elemento lúdico é encontrado em várias culturas desde os tempos primitivos, o que não deixa dúvidas: a ludicidade é inerente à natureza humana.

No entanto, nos tempos atuais, o brincar passa pelo nosso crivo moralista: “chega de brincadeira, vamos falar sério”, “acabou a brincadeira, vamos trabalhar”, “você brinca demais”, brincadeira é coisa de criança.

Mas quem não gosta de brincar? Se alguém disser que não gosta ou não sente prazer em brincar é porque está se afastando da sua condição humana, social e cultural. Isso sim, é sério!

Então... Vamos brincar?

Volte um pouco no tempo. Procure se

lembrar das brincadeiras com que você costumava brincar na sua infância. Onde eram realizadas? Na rua? Em casa? Na escola? Com quem você brincava? Como aconteciam essas brincadeiras? Você, provavelmente, deve ter-se lembrado de



brincadeiras como amarelinha, pique-pegas, queimada, esconde-esconde, cabra-cega, corre-cutia, passa anel, cirandas ou brincadeiras de roda... Essas brincadeiras fazem parte da lembrança de muitas pessoas e geralmente trazem muitas saudades. Ai, que saudades!!!

Faça agora uma comparação entre essas brincadeiras e as brincadeiras das crianças com as quais você convive. As brincadeiras das quais você se lembrou aparecem entre as brincadeiras das crianças atualmente? O que influencia as brincadeiras das crianças

hoje? Pode até ser que as crianças de hoje brinquem de coisas semelhantes àquelas que você brincou, porém, as crianças são influenciadas pelo contexto no qual elas estão inseridas. As brincadeiras surgem a partir dos objetos disponíveis para a criança e pelas experiências que ela adquire no meio em que vive.

Ao longo da história, de geração para geração, as práticas do brincar podem se modificar e efetivamente se modificam. Elas acompanham o processo de transformação social e cultural pelo qual a humanidade passa. Entretanto, há que se estar atento para o “**não brincar**” e para as conseqüências. Por quê? Porque se entendemos que a ludicidade e o brincar são inerentes ao processo de humanização, o não brincar indica que não se está respeitando a condição humana.

Baseado em tudo isso, é imprescindível que, principalmente, a escola pense, de forma muito especial, sobre o espaço do lúdico no seu interior. Nas palavras de Drummond de Andrade: “Brincar não é perder tempo, é ganhá-lo. É triste ter meninos sem escola, mas mais triste é vê-los enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação humana.”

Vamos brincar?

Crônicas Pitorescas

Peripatético na praça

Palmyro Masiero

Símbolo vivo de uma espécie que se cria extinta. Tão moralista, mas tão tão, que, se morrer nesse estágio atual, provavelmente, sua alma, ao adejar para os álamos celestiais, será detida por São Pedro, de quem receberá o conselho de dizer m..., ou girará em órbita pela eternidade por falta de justificativa para julgamento. Um palavãozinho à toa o deixa com alergia. TV, em sua casa, só na Educativa... E em horários especiais. Novela? Nem que chova dólares! Mais ainda: o distinto era tradicionalista por excelência. Sempre de terno e gravata; impecável!

Domingo desses, manhã quentíssima, foi com mulher e filhos curtir ar mais refrescativo no parque municipal. Estava absurdamente forte o calor a ponto de nosso focalizado ir sem paletó, apenas de camisa, mangas compridas... Salvemo-lo! E o resto, evidentemente...

Sentado num banco com a mulher, em casto diálogo, as crianças esparramadas pelo parque, brincadeirando. Nisto ele avistou! Sofreu, interiormente, uma pane moral. Purpurejou no ato. Uma vergonha! Uma indecência! Ficou extremamente chocado e sua indecisão impedia-o de mover-se. Governado, talvez, por uma força histórica, hereditária ou congênita, levantou-se, procurou e encontrou um galho de árvore, que apalpou, e, incontinênti, partiu em direção ao local do acontecimento que lhe abalara as estruturas. Que viu? Que foi que viu? Tcham, tcham, tcham, thaaamm... Um cachorro rebocando uma cadelinha!

Chegou já descendo a lenha em cima dos pornógrafos animais. Ganidos lancinantes ecoando, cachorro correndo, gemicando, arrastando a cadelinha na traseira, apenas pelas patas da frente, com o moralista atrás porretando adoidado. O barulho e a movimentação atraíram várias pessoas, até que surgiu um dos guardas do parque e segurou o homem possesso. Sei que, antes do tempo natural os dois animais se desengataram, ambos machucados...

O dono do pudor esbravejava sobre a sem-vergonhice dos cães em pleno local público. Mas o pior estava por acontecer. Apareceram uma senhora com porte

elegante, proprietária da cachorrinha, e um barbudo e bigodudo, dono do cachorro. Engrossou o caldo... Imprecações vibravam. Indignado, o nosso recatado contribuinte passou a atacar os dois proprietários: "que dessem educação para seus cães, que cuidassem deles e não os deixassem soltos, fazendo atos de vandalismo perto das crianças..." Houve réplica, com a justificativa de que os animais são puros, movidos por instintos e não pelas leis hipócritas estabelecidas pelo humanos. Percebendo o estado em que se encontrava a cachorrinha, sua dona perdeu a linhagem e, apanhando o pedaço de pau que o homem largara no chão, catapimba: chorou-o na cabeça do pudorado... Foi só sangue que voou... A mulher deste atracou-se com a da cachorrinha e o ensangüentado, ao tentar intervir em favor da esposa, foi seguro e partiu para a ignorância com o barbudo e bigodudo. Os filhos do casal choravam... Ajuntou gente. Apareceram mais dois guardas do parque, mas não houve meios de acabar com o perrengue. Enquanto a turma do deixa disso mostrava serviço, um dos guardas foi para o telefone...

O caso acabou na polícia. O delegado ouviu as devidas versões. Sorrindo interiormente, censurou o moralista, pois havia ferido a Lei de Proteção aos Animais e, da mesma forma, dirigiu-se à dupla por deixar animais soltos em logradouros públicos. Terminou por dar seu veredicto: mandou que cada um puxasse o carro para as respectivas casas, após o registro da ocorrência e afirmou que iria procurar nos livros de leis, nos códigos, etc e tal, referências concretas sobre o assunto. Convocaria, então, por meio de intimação, o/os culpado/s. Aquele que não a recebesse dentro de quinze dias, no máximo, é porque estava com a razão e, logicamente, inocentado do episódio.

E o delegado ia comprar uma briga dessas? Até hoje nenhum recebeu e nem vai receber intimação alguma. Estão satisfeitos, cômicos de que venceram a parada. Coisas de racionais!

Sabiá-Rainha

Edival da Silva Castro

Quando meus pais se mudaram, não gostei muito. Ficaram para trás meus amigos e a casa onde tinha nascido.

Ao chegar ao novo endereço, surpreendi-me com o tamanho da varanda e dos cômodos. O enorme quintal, todo arborizado, abrandou-me um pouco o tédio. Para chegar a ele, desciam-se alguns degraus de escada. Uma enorme mangueira logo à frente; do lado, um pé de laranja-lima. Lá no fundo, uma goiabeira de frutos vermelhos, alguns pés de mamão e touceiras de cana caiana. Era um pequeno pomar. Mudamos numa época em que as plantas vicejavam, e as aves, alucinadas, iam e vinham.

O despertar da primeira manhã na casa nova foi com um canto triste e agradável duma sabiá, que vinha do fundo do quintal. Ajeitei-me melhor no travesseiro e voltei meus ouvidos para aquela doce alvorada.

No mesmo dia, quase ao crepúsculo, flagrei-a entoando seu canto mavioso na copada da goiabeira. Parei para admirá-la: de coloração pardo-acinzentada escura no dorso, peito e abdome vermelho-ferrugíneo. Ostentava tanta beleza, que acabei apelidando-a de Sabiá-Rainha.

Como as árvores frutíferas estavam em plena floração, procurei cevá-la, jogando, no fundo do quintal, mamão, banana e laranja. Assim poderia tê-la presa a mim.

Volta e meia sentava-me no último degrau da escada que dava acesso ao quintal e ficava espiando o vaivém das sabiás e de outras frugívoras. E ela, de fato, trazia modos de rainha. Destacava-se dentre as outras: vistosa, ativa, destemida. Era a mais linda das aves que habitavam meu quintal. Geralmente, após alimentar-se voava até a goiabeira e soltava sua voz enternecedora...

Ela acostumou-se com minha presença. E eu, muito mais com a dela. Assim, ficamos um tempão namorando.

Certa vez, pela primavera, aconteceu dela nidificar no pé de laranja-lima. Via-se a todo instante agitada, levando fragmentos de comida aos filhotes. Depois disso, nunca mais a vi. Talvez, junto com a prole, tenha arribado pra outras plagas.

Quando passo em algum local arborizado, com raridade ouço uma sabiá cantar. Quando acontece, paro, escuto e comparo: esse não é o canto da Sabiá-Rainha. O dela era alto, nostálgico e alegre.

Carlos Drummond de Andrade

31/10/1902 - 17/08/1987



Memória

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.



Acesse, leia e divulgue
o informativo

"O ESTAFETA"

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

O Brasil acabou?

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Durante dezesseis dias do mês de julho, o Brasil sentiu orgulho do Brasil. Nós, brasileiros, torcemos, choramos e vibramos com nossos compatriotas. Dos jogos Panamericanos, realizados no Rio de Janeiro, surgiram heróis, ídolos e musas, pelos quais festejamos o ouro, a prata, o bronze ou, por vezes, somente o amor pelo esporte... Todos foram vencedores... Foram, com raras exceções, os que “não desistem nunca”...

Voltemos a 13 de julho, na cerimônia de abertura dos jogos, à qual estava presente o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Historicamente escalado para declarar abertos os Jogos, estrondosas vaías a ele dirigidas provocaram mudanças no cerimonial do evento.

Como sempre, o governo alegou que a “elite” presente ao Maracanã, palco do evento, foi a responsável pelo acontecido, já que seu governo é voltado para os pobres. Será? Banqueiros, por exemplo, são os mais pobres em nosso país? Políticos da base aliada são os mais pobres em nosso país? Acredito que não. E eles, sim, são alguns dos mais privilegiados neste corrupto governo do “operário” Lula. Além dos demais “mensaleiros” e “criadores de gado”, que, assaltando o erário público, relegam à maioria dos atletas presentes à cerimônia de abertura total falta de apoio e incentivos para que eles consigam medalhas em eventos como o Panamericano.

Esse é o nosso amado Brasil: cheio de contrastes... Ao mesmo tempo em que nos orgulhávamos de atletas medalhistas, concluíamos, como Roberto Pompeu de Toledo, na edição nº 2022 da VEJA, de 22 de agosto, que o Brasil acabou, pois temos “a escola que não ensina, os hospitais que não curam, a polícia que não polícia, a Justiça que não faz justiça, a violência, a corrupção, a miséria, as desigualdades.” Não há argumentos: o Brasil – aquele do “ame ou deixe-o” – está muito difícil de ser amado.

Ainda acredito que haja, entre nossos políticos, especialmente os jovens, algum que realmente empunhe a bandeira das reformas, da democracia e do progresso; que leve adiante as transformações necessárias para restabelecer a confiança em nós mesmos e no futuro desse grande país. Mas, “tá difícil”. Ao contrário de nossos atletas, os exemplos de nosso Congresso Nacional nos enchem é de vergonha.

Falta pouco para perdermos totalmente as esperanças. E quando isso acontecer, o Brasil terá, realmente, se acabado, pois, quando acaba a esperança, junto com ela acaba a causa à qual ela se destinava. Se pretendemos um país melhor para as futuras gerações, é hora – ou melhor, já passou da hora – de dar um basta por meios os mais diferentes, mas, especialmente, do voto consciente, das atitudes probas, do trabalho honesto, de questionamentos fundamentados. Somente assim poderemos nos orgulhar do Brasil como Nação, não apenas dos atletas sem incentivos que guerreiam para fazer brilhar esse “Brasil lindo e trigueiro”.

As elites demoram a se cansar

Pe. Fabrício Beckmann

Já se tornou rotina a veiculação, pelos meios de comunicação, da revolta e indignação de passageiros à espera de um embarque nos aeroportos do Brasil.

Concordamos que a Crise Aérea é muito prejudicial ao nosso país, mas é um erro supervalorizá-la. No Brasil, 92% da população não têm acesso ao transporte aéreo e a grande maioria do povo nunca poderá pôr os pés em um aeroporto. O Brasil possui problemas mais significativos que essa crise; muitos setores da vida pública encontram-se em situação caótica.

As classes mais abastadas, que sofrem mais diretamente com esta crise, nunca disseram “Cansei!” ou esbravejaram contra a crise na saúde pública, que vitimiza tantos pacientes por falta de tratamentos adequados. Nunca reclamaram do caos das escolas públicas, de onde saem crianças sem estar alfabetizadas. Jamais protestaram contra os problemas habitacionais, a existência das favelas, dos bolsões de miséria, da falta de saneamento básico, que aumenta a mortalidade infantil entre os pobres. Nunca se revoltaram contra os governos paralelos exercidos por traficantes nos morros e periferias das cidades.

Geralmente, os ricos freqüentam ambientes refinados, moram em bairros nobres, em condomínios fechados, protegidos da violência gerada pela miséria, fruto da concentração de renda, que faz do Brasil, segundo a ONU, um país onde se corre quatro vezes mais o risco de morrer por arma de fogo do que a média dos demais países do mundo. Enquanto 56 mil soldados americanos morreram no Vietnã,

em 6 anos de guerra, a cada ano morrem 100 mil brasileiros por essas armas. Temos quase um Vietnã por ano no Brasil. Com tanta violência, nossa população carcerária atual – aproximadamente 400 mil pessoas, a maioria vivendo em estado sub-humano, – cresce cerca de 10% ao ano.

A crise aérea é um problema pequeno diante das graves dificuldades enfrentadas pelos brasileiros. Nossas elites, que sempre viveram isoladas em seus oásis de prosperidade, blindadas de qualquer crise, possuem a ilusão de que vivem num país de primeiro mundo. Agora, que estão sendo um pouco igualadas aos pobres sobrantes de nosso país, na injustiça, no descaso, no desrespeito aos seus direitos, ainda que não sejam direitos fundamentais à vida, como ocorre com os pobres, estão se rebelando, exigindo atitude das autoridades, coisa que nunca fizeram antes.

Diferente do que acontece com os menos favorecidos, os ricos estão sendo ouvidos, a mídia elitista faz seus clamores ressoarem por todo o país, logo serão atendidos em suas reivindicações. O povão, que não utiliza o transporte aéreo, porém continuará tendo que aprender a ir levando a vida, apesar dos velhos problemas de sempre, enquanto a elite “descansará” em passeios ao exterior, sem crise aérea e sem motivos para protestar; quase sempre às custas da classe operária, dos trabalhadores mal remunerados e explorados, fontes do acúmulo de capital nas mãos dos poucos favorecidos pelo sistema socioeconômico vigente, que parece não se cansar jamais.

Getúlio Vargas (1882 / 1954)

Getúlio Dornelles Vargas nasceu em São Borja/RS, a 19 de abril de 1882 e faleceu no Rio de Janeiro, a 24 de agosto de 1954. Foi

o chefe civil da Revolução de 1930, que pôs fim à chamada República Velha. Em sua carreira política, foi por quatro vezes presidente da República do Brasil, tendo recebido, como resultado de sua política populista, o polêmico epíteto de “Pai dos pobres”.

Governou o Brasil de 1930 a 1934, no chamado Governo Provisório; de 1934 a 1937, no governo constitucional,

eleito pelo Congresso Nacional; de 1937 a 1945, no Estado Novo; e, de 1951 a 1954, como presidente eleito pelo voto direto.



Sua doutrina e seu estilo político foram chamados de getulismo ou varguismo, sendo que seus seguidores foram e ainda são chamados getulistas.

Getúlio suicidou-se com um tiro no coração, em seu quarto, no Palácio do Catete, na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal. Getúlio Vargas foi o mais controverso político brasileiro do século XX e sua influência se estende até hoje.

Vinte anos longe de Drummond...

Tímido e recatado como bom mineiro, contam-se nos dedos as vezes em que Carlos Drummond de Andrade encarou uma câmera. Sua vida está em seus versos. Filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade e Dona Julieta Augusta Drummond de Andrade, nascido em Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais, a 31 de outubro de 1902, nunca foi dado aos cuidados da terra e desde muito cedo deu preferência às letras.

Foi aluno interno do Colégio Arnaldo, da Congregação do Verbo Divino, em Belo Horizonte. Interrompeu os estudos no segundo período escolar, em 1916, por problemas de saúde. No ano seguinte teve aulas particulares e em 1918 foi aluno interno do Colégio Anchieta, da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo. Em 1920 foi expulso por “insubordinação mental” e do colégio guardou o modo de andar com os braços colados às pernas e a cabeça baixa.

Cursou Farmácia em Belo Horizonte, para onde a família se mudara em 1920. Em 1924 enviou uma carta a Manuel Bandeira manifestando-lhe sua admiração. Foi também nesse ano que conheceu Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral.

Em 1925, Drummond casou-se com Dolores Dutra de Moraes. Voltou, então, para Itabira, sem interesse pela profissão de farmacêutico e sem conseguir se adaptar à

vida de fazendeiro. Dois anos depois, nasceu seu filho Carlos Flávio, que só viveu por alguns instantes. Em 1928 publicou na revista *Antropofagia*, de São Paulo, o poema “**No meio do Caminho**”, que se tornou um



verdadeiro escândalo literário. No mesmo ano nasceu sua filha Maria Julieta, que seria sua eterna musa. **Alguma Poesia**, seu primeiro livro, foi editado em 1930. Foram apenas 500 exemplares. Quatro anos depois transferiu-se para o Rio de Janeiro e não mais voltou à sua cidade natal.

Drummond conseguiu, a um só tempo, ser Chefe de Gabinete do ministro Gustavo

Capanema, do Estado Novo, e usar palavras para destruir o capitalismo. Do gabinete saiu direto para a condição de simpatizante do Partido Comunista Brasileiro.

O modernismo no estilo de Drummond levou-o, com sua linguagem de diferentes ritmos, à popularização em um país onde se lê pouco. “**No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho**” ou “**E agora, José? / A festa acabou / a luz apagou / o povo sumiu**” são versos que entraram para a história como ditos populares.

No dia 5 de agosto de 1987, morreu a pessoa que mais amou: sua amiga, confidente e filha Maria Julieta. Desolado, Drummond pediu a sua cardiologista que lhe receitasse um “infarto fulminante”. Apenas doze dias depois, em 17 de agosto de 1987, morreu também Drummond, numa clínica no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. Parafraseando-o: *A morte emendou a gramática. Morreram Drummond. Não era um só. Era tantos!* Mas quem disse que Drummond morreu? E que ironia! Alguém tão cético provando que há vida após a morte! Mais do que qualquer outro gênio, soube ser reconhecido enquanto vivo e não se deixar morrer mesmo negando os convites para se tornar imortal como membro da Academia Brasileira de Letras.

Fonte: www.memoriaviva.com.br

O Jongo de Piquete nos Jogos Panamericanos

Nos últimos dez anos, a comunidade negra de Piquete, formada principalmente por moradores dos bairros da Raia e Vila Eleotério, tem-se empenhado, cada vez mais, num trabalho de resgate e divulgação do Jongo. Esta manifestação cultural, que está diretamente associada à cultura africana no Brasil, sempre se fez presente em Piquete. Em diferentes épocas, tivemos em nossa cidade afamados jongueiros. Atualmente, o professor Gilberto Augusto da Silva está à frente de um grupo heterogêneo, formado por pessoas de diferentes idades, todos descendentes de antigos jongueiros.

Recentemente, no dia 29 de julho, o Jongo de Piquete se apresentou na “Praça das Medalhas”, em Copacabana, no Rio de Janeiro, quando do término dos Jogos

Panamericanos, a convite do Ministério do Turismo. Nessa ocasião, a apresentação do Jongo pôde ser apreciada por representantes de todas as Américas, presentes ao evento. Muitos, contagiados pelo ritmo da percussão, bater de palmas e cantos “entraram na roda” para dançar.

Inserido no âmbito das chamadas “danças de umbigada”, o Jongo foi trazido para o Brasil por negros bantu, dos antigos reinos de Angola e do Congo. Composto por música e danças características, animadas por contadores que se desafiam por meio de improvisação, com cantigas ou pontos enigmáticos (amarados), o Jongo tem, provavelmente, como uma de suas origens mais remotas o tradicional jogo de adivinhas, denominado

“jinongonongo”.

Do Jongo podem participar homens e mulheres. Esta participação, porém, em sua forma original, esteve sempre rigorosamente restrita aos “iniciados” ou “mais experientes” da comunidade. Este fato pode estar relacionado às normas étnicas e sociais ainda vigentes na sociedade tradicional angolana.

O Jongo, praticado no Sudeste Brasileiro, em comunidades como a de Piquete, é dançado e cantado com o acompanhamento de três tambores cerimoniais chamados de “caxambu” (o maior, que dá nome à manifestação em algumas regiões), “candongueiro” (o menor) e o tambor de fricção “ngoma – puita” (que deu origem à cuíca do samba). **AC**

